

\*\*\* REDACTOR PRINCIPAL \*\*\*  
 Alexandre Vieira  
 \*\*\* EDITOR \*\*\*  
 Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional  
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)  
 — Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —

Redacção e administração — Calçada do Gombro, 38-A, 2.º  
 Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Tálhala — Lisboa — Telefone: 2

# BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A HIGIENE E A MISÉRIA

Com frequência se ouve dizer que o asseio não tem nada com a miséria, e está-se tão habituado a ouvir fazer uma tal afirmativa, que inconscientemente todos a repetem, sem sujeitá-la ao mais leve exame, tomando-a como uma verdade irrefutável, quando no fundo essa afirmativa com fôros de axioma, contém muito de falsidade.

Sem pretender quebrar lanças pela imundície, que só repugnância e revolta me pode inspirar, por isso mesmo e simplesmente para colocar as coisas no seu lugar, ou serei dizer que a grande, a imensa maioria daqueles que tanto insultam os pobres pela sua falta de higiene, são os maiores culpados, os criminosamente responsáveis pela imundície em que vivem os filhos da miséria, que tudo produzindo, nada possuem de belo e de salutar, que fortalecem o ânimo, que despertam a alegria de viver, que inspire as criaturas para o trabalho e para o bem.

Porque é incontestavelmente verdade que tudo o que rodeia a vida do pobre, desde o berço de rattapops até as quatro táboas caídas do esquite, quando esse lixo é permitido, pois que não raras vezes tem de malhar com o canastro na vaza, comum, e que é comum só para os mais miseráveis, tudo predispõe os indivíduos para o relaxamento, para o desapeço à vida, inspirando-os para o mal, fazendo-lhes despertar o ódio a tudo e a todos, um ódio estúpido, mau, mais justificado.

Haverá, sem dúvida, muitas pessoas, e algumas delas muito sentimentais, bem pensantes, até muito amigas das reivindicações populares, as quais estas minhas asserções causarão calafrios e energéticos protestos, mas tudo isso não conseguirá destruir esta verdade: a miséria é inimiga do asseio.

Porque se asseio não é simplesmente lavar a cara todas as manhãs, usar um colarinho limpo e lustroso e uma gravata mais ou menos vistosa.

E, se nem em todos os temperamentos a situação de miséria e de imundície em que se vive, influi, ela concorre na quasi totalidade dos casos para um estado psicológico muito especial, de que os indivíduos não são responsáveis, pois as manifestações a que ele dá lugar, e que tanto parecem chocar os corações sensíveis de burgueses e semi-burgueses, são o resultado duma situação económica e social contrária à justiça e à humanidade, contrária às leis da natureza.

Toda a vida do pobre é imersa numa atmosfera acabrunhadora; as casas em que ele habita são exterior e interiormente feias e tristes, as divisões são acanhadíssimas, sem luz, sem ar, húmidas e fedidas, quasi sempre por efeito da péssima construção, propostadamente descaída por se destinar a gente de poucos haveres, em muitas delas a água escorre pelas paredes e o bolor surge como decoração inevitável; a canalização de despejos, quando existe, é avariada, defeituosa, obrigando o desgraçado inquilino a viver numa perfeita cloaca.

Tratado de relance o que se refere propriamente à habitação, do mesmo modo passarei a referir-me ao recheio da casa, ao mobiliário, se assim devo chamar aos sombrios trastes que adornam a moradia dos pobres.

Os ricos podem, além de comprar novo e bom, fazer renovações no seu mobiliário, mas os miseráveis, esses, quando compram novo, é sempre feio e ordinário, porque a especulação industrial e comercial assim impõe, e os terceiros que se compram ao iniciar a vida da família, mantêm-se pela vida fora a todo o transe, embora espatifados, sem concerto, porque não podem comprar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que seja uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe, um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moínha e quasi podre, por os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa promiscuidade terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de cozinha substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés quebrados e os fundos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concertos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, areando-as, pois poria a descoberto dezenas de orifícios que os tornaria inservíveis, e tudo isso, que é imundície, se conserva, porque não se pode mandar contactar ou comprar novos utensílios; tachos, tigelas, pratos rachados, colheres gastas pelo uso, garfos quasi sem dentes, facas que não cortam, são os talheres dos desgraçados que fabricam, que produzem tudo o que é necessário à vida, e que nada disfrutam do, que de belo e bom lhes sai do seu esforço tuberculante.

E se isto é assim no que se refere a tais tarefas, há uma coisa que em casa do operário brilha pela ausência, e até uma grande parte desconhece, é uma banheira, utensílio tão necessário, imprescindível, e que a miséria a que o povo está condenado, não lhe permite possuir.

Os burgueses, os semi-burgueses e os operários privilegiados que cospem para o ar, que tanto codenam o desespero dos miseráveis, insultando-os pela sua falta de higiene, quando muitos deles só aparentemente conhecem o asseio, não seriam talvez capazes de fazer o sacrifício que a grande maioria dos trabalhadores faz para tomar banho,

sujeitando-se, depois dum trabalho exaustante, a ir buscar água aos chafarizes públicos, para poderem lavar-se numa celha ou num algaruid, tendo de proceder à lavagem por três operações, primeiramente lavando a cabeça, depois o tronco e por fim as pernas, para depois ter de vestir uma roupa desbotada e quasi no fio por tantas vezes ter sido lavada, e cheia de remendos; muitos desses senhores que tão amantes do asseio se mostram, prefeririam talvez, em tais circunstâncias, nunca tomar conhecimento com o banho.

O proletário veste sempre de mau pano e calça de mau calçado, porque não pode vestir e calçar bem, como sucede ao rico, que ninguém vê de fundilhos nas calças ou de cotovelos remendados, nem com as botas rotas e saltos cambados.

A escola, os próprios enfermeiros dos hospitais, as prisões, por onde os pobres passam na sua via dolorosa, tudo leva o estigma da miséria, o ferrêdo da imundície que acompanha a vida do povo; em tudo e por tudo a injustiça social se manifesta, e parecendo que tudo isto influi poderosamente no moral e no físico dos indivíduos, e os seus efeitos perniciosos não poderão ser eficazmente, totalmente debelados, dentro da actual estrutura da sociedade.

Ha aí muito boa gente que tem frases cheias de nójo e rancor para com a ausência de higiene dos trabalhadores, quando ela enferma geralmente do mesmo mal, e se consegue aparentar uma relativa higiene, é quasi sempre efeito de condições especiais, muito menos penosas e degradantes, em que foi criada e educada; uma grande parte mal consegue, porém, ser um pouco mais limpo que aqueles que tanta repulsa lhe inspiram.

Os privilégios de que usufruem ascetas espoliadores, forçam o pobre a viver numa promiscuidade infamante, pois, no geral, cheio de filhos, vê-se obrigado a residir em casinhotos, sem o menor conforto, impróprios para habitação de humanos, e pelos quais a habitação dos senhores lhe exige pesadas rendas, que vão cecear a parca alimentação com que ilude a fome a uma família numerosa, tudo isso concorrendo para a obliteração do moral e a perversão dos sentimentos, e é de admirar que uns e outros não estejam já completamente destruídos, o que prova que a resistência moral e intelectual da massa proletária é verdadeiramente excepcional.

E tudo isto, que um pálido reflexo da penosa, da dolorosa odisséia da vida do proletário, vem a demonstrar por que o pobre não pode ser asseado, por que tudo que o rodeia desde o nascimento até à morte, desde a vida em casa, da vadiagem da infância das ruas até à oficina onde trabalha, tudo é imundície, que as condições políticas e económicas da sociedade presente lhe impõem, tudo isto vem a propósito da condenação formal, decidida, que tantas vezes ouço fazer à falta de higiene do pobre; tudo isto vem a talhe de foice para explicar, ou melhor, justificar a atitude desesperada e agressiva que os miseráveis muitas vezes tomam, arrastados pela miséria em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justo é que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o pavôr, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mais que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fere; é preciso ir ao encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmortalhar nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que eles saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem às cegas, ferindo, como muitas vezes sucede, camaradas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que eles não podem compreender; é levá-los ao conhecimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrem e lutam, só pelo abandono de preconceitos egoísticos e estópicos, só pela conquista dia a dia de novos melhorias morais e materiais só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, se poderá lançar as bases duma sociedade melhor, início de uma sociedade justa e livre.

E só então a miséria desaparecerá e com ela a falta de higiene, sua companheira quasi inseparável.

A. MACHADO

### No Presídio Militar da Trafaria

Chamamos a atenção do ministro da guerra para o que se está passando com as visitas aos presos que se encontram no Presídio Militar da Trafaria.

Esses presos só podem ser visitados por pessoas de família, tendo estas de apresentar um atestado da respectiva junta de freguesia, para que ali possam ter entrada. Os amigos dos presos não os podem visitar e como decerto muitas vezes se dará o caso de haverem presos que tem família na provincia, mas que em Lisboa tem amigos que poderiam auxiliar, ficam privados de tal auxílio que tão necessário lhes é. Não seria um acto de humanidade permitir que os presos do Presídio pudessem ser visitados pelos indivíduos das suas relações?

## NOTAS E COMENTÁRIOS

### Eleições administrativas

Aconteceu com as eleições municipais, realizadas ontem, o mesmo que com as eleições de deputados e senadores, num dos últimos domingos realizadas; que se diz, foi diminuição da concorrência do eleitorado. Há pouco se tratou de arranjar ocupantes para as cadeiras de S. Bento e não se importou o público com isso. Tratou-se ontem de mandar para a camara as prestantes individualidades encarregadas de administrar os dinheiros que a nossa capital se cobram, e nem para mandá-las para a camara o povo esteve. Não resta dúvida de que a maioria cada vez maior da população não nos páis. Vota quem quer, que a maioria está se barimbando. Bom sintoma, mas sintoma? Nem uma coisa, sem outra, antes pelo contrário. Apesar de uma consequência naturalíssima de causas por demais conhecidas.

### Má brincadeira

Dizemos má porque não se deve brincar com coisas sérias. Um qualquer ocioso que vive, talvez, à custa do povo que sustenta tantíssimos parasitas, teve a lembrança infeliz de engendrar, mandando-o imprimir e distribuir, um papelucho a que deu o título de *Novo horário e regulamento para os operários de qualquer indústria*, porque cada um dá as coisas o nome que quer.

Segundo o tal regulamento, a entrada seria às 10 e a saída às 16, com duas horas para almoçar e uma para descansar, o que daria três horas de trabalho útil por dia.

O gracoço prossegue nos termos seguintes:

“O almoço será pago pelo patrão e constará de 3 pratos variados, vinho, café ou chá, licor e charutos.”

Em cada semana tem o operário direito a um dia de férias, com o pagamento da sua escala e duas vezes por mês um camarote de 1.ª ordem; aos domingos, querendo, uma cadeira sobre o tourel ou barrica no Campo de Ourique.

No tempo de banhos, poderão tomá-los em praia da sua escolha, não além de Cascais, correndo todas as despesas por conta do patrão.

As passagens de caminho de ferro serão em 1.ª classe.

Estes banhos poderão ser tomados durante as horas de trabalho, sem que o patrão possa fazer qualquer desconto no salário.

Tem direito a banhos e a passagens de 1.ª classe, os filhos, irmãs solteiras, pais, cônjuges, mães, netos, bisnetos, avós e bisavós.

Os tíos, sobrinhos e outros parentes, e compadres, têm apenas direito a um abono de 10 %, e os passagens em 2.ª classe.

A escola para os filhos, netos e sobrinhos será de conta do patrão, tendo o operário direito a uma indemnização de 2.000,00 por cada exame em que o aluno ficar reprovado.

No caso de ser o operário despedido, o que só poderá ter lugar com a autorização da “Associação de Classe”, terá direito por uma só vez a uma indemnização de Esc. 5.000,00 para si e mais Esc. 200,00 por cada filho de família.

Faltam botas e chapéu por conta do patrão.

O operário tem direito a uma licença de 30 dias com todos os vencimentos em cada ano, podendo gozar a sua licença quando quiser, mas a despesa por conta do patrão, não podendo exceder a quantia de Esc. 200,00 por cada operário.

Os dias que faltar serão abonados a dobrar quando as faltas forem abonadas pela respectiva “Associação de Classe”.

Quando haja abito necessidade de fazer férias, o operário deve avisar a “Associação de Classe”, os operários ganharão o triplo do salário pago em ouro no último dia de férias, e terão direito a uma indemnização de 2.000,00 por cada filho de família.

Em caso de patrão tirar um lucro inferior a 24 centavos diários, os operários cotizarão de mão de maneira que se perca esta.

A limpeza das oficinas, carregamentos, fretes e mais serviços grosseiros ficam a cargo dos empregados de escritório.

Em caso de patrão ficar a limpeza das sentinas e urinóis.

Falta um artigo, que vem a ser o seguinte: “Este regulamento substitui o papel de limpeza usado nos *water-closets*.”

Com este parágrafo único: “Fica revogada a legislação em contrário.”

### Empregados do Comércio

Reúnem em sessão magna dispoem-se a constituir o Sindicato Único e a lutar pela jornada de 8 horas

A convite da Federação Portuguesa dos Emp. e do Comércio, realizou-se ontem na sede do Sindicato Único Metalúrgico, uma sessão magna desta classe para apreciar a sua situação em face da lei do horário de trabalho e o caminho a seguir para obrigar os comerciantes ao seu cumprimento.

A sessão presidiu o camarada Peixe, pelo Sindicato Único Metalúrgico, acompanhado pelos camaradas Edmundo Tavares e Manuel Marques.

Usaram da palavra João Ferreira Cabecinha, Gil Gonçalves, Cristiano Lima, José Maria Costa Corvo e Eduardo Relvas, todos empregados do comércio, falando em nome do Sindicato Único Metalúrgico e camarada Francisco Viana.

Todos os oradores se referiram à necessidade que tem a classe de agir energeticamente para que os comerciantes não consigam, como pretendem, excluir os empregados do comércio das disposições da lei de 8 horas.

Referindo-se à organização sindical da classe o camarada Gil Gonçalves defendeu a ideia da formação do Sindicato Único dos empregados do comércio que disse—deve fazer-se desde já, aproveitando mesmo o momento que é dos melhores senão o melhor que se tem deparado.

De acordo com esta ideia se manifestou o camarada Viana que expoz circunstanciadamente a situação da classe, dando a sessão, que terminou à 1 hora, com as melhores impressões quanto à possibilidade de uma forte organização da classe.

Hoje, pelas 2 horas, realizou-se, numa nova sessão na União dos Empregados do Comércio, rua da Mouraria, 27, 1.ª

## A grande desilusão

### O que dizem os jornais socialistas

A “grande desilusão” é como Gustavo Téry, director do jornal *L'Oeuvre*, chama ao tratado de Versalhes. Para Téry, que é um radical, a única vantagem do tratado é... não serem aplicadas muitas das suas cláusulas.

Mas “grande desilusão” é, não sómente para os ingenuos que acreditaram em sedutoras promessas, mas para os conservadores, que o acham indolente demais com os vencidos, e para os parvos, que esperavam o reembolso de todos os gastos!

Com outras designações o baptizaram, porém, os socialistas: “tratado de guerra”, “paz bismarckiana”, “paz de Brenno”...

### EM FRANÇA

Na *Bataille*, o conhecido militante sindicalista Savois escreve que as cláusulas do tratado constituem uma grave ameaça para a paz mundial: alimentar-se há (já se estão formando) novas alianças, e virão novas guerras, que o povo nunca saberá quando são ofensivas ou defensivas.

Marcelo Cachin mostra, na *Humanité*, as contradições formidáveis entre as promessas feitas e a realidade clínica e brutal. Em vez da Sociedade das Nações, temos Santas Alianças e pactos secretos à antiga; em vez da morte do militarismo, temo-lo triunfante, fortalecido, aumentado, em terra no mar, nos países vencedores; o direito dos povos à livre disposição de si mesmos traduz-se em conquistas e anexações forçadas; a Alemanha é despojada até dos meios de produzir e de reconstruir as regiões devastadas, e é assim lançada no desespero da ditadura militarista e do nacionalismo exacerbado ou nos braços da revolução extrema, que a Santa Aliança tratará de esmagar, como na Rússia e na Hungria.

Segundo Paulo Faure, no *Populaire de Paris*, a “opinão dos mortos”, dos dois milhões de mortos franceses da guerra, condenaria o tratado infame, se pudesse cumprir-se a célebre intimidação: *A pé, ó mortos!* Não foi para isto que os convidaram a morrer em defesa do Direito e da Liberdade. Razão tinham, pois, os que não aderiram à guerra, permanecendo fieis ao socialismo internacional. Quanto mais durava a guerra, mais vencidas iam ficando a Europa e a civilização: que o diga o estado moral e material da França.

No *Journal du Peuple*, o ex-radical Armando Charpentier, hoje socialista, revoltado ante a “paz de violência e de imperialismo”, vem fazer corajosamente o seu *men culpa*:

“Ereis vós, na verdade, ó socialistas minoritários de 1915, que tinheis razão quando, escapando à loucura nacionalista que intensificava os ódios, tivestes a previdente coragem de continuar sendo internacionalistas. Sim, quem tinha razão—ereis vós, ao querer reunir quanto antes a Internacional socialista, pois bem sentíeis que só ela poderia abreviar o flagelo e dar aos povos a verdadeira paz justa, a que não teria deixado atrás de si nem vencedor, nem vencido. Sim, quem tinha razão ereis vós, peregrinos de Zimmerwald e de Kienthal, e a minha pena toda, todo o meu remorso é não ter estado ao vosso lado.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

## A grande desilusão

### O que dizem os jornais socialistas

A “grande desilusão” é como Gustavo Téry, director do jornal *L'Oeuvre*, chama ao tratado de Versalhes. Para Téry, que é um radical, a única vantagem do tratado é... não serem aplicadas muitas das suas cláusulas.

Mas “grande desilusão” é, não sómente para os ingenuos que acreditaram em sedutoras promessas, mas para os conservadores, que o acham indolente demais com os vencidos, e para os parvos, que esperavam o reembolso de todos os gastos!

Com outras designações o baptizaram, porém, os socialistas: “tratado de guerra”, “paz bismarckiana”, “paz de Brenno”...

### EM FRANÇA

Na *Bataille*, o conhecido militante sindicalista Savois escreve que as cláusulas do tratado constituem uma grave ameaça para a paz mundial: alimentar-se há (já se estão formando) novas alianças, e virão novas guerras, que o povo nunca saberá quando são ofensivas ou defensivas.

Marcelo Cachin mostra, na *Humanité*, as contradições formidáveis entre as promessas feitas e a realidade clínica e brutal. Em vez da Sociedade das Nações, temos Santas Alianças e pactos secretos à antiga; em vez da morte do militarismo, temo-lo triunfante, fortalecido, aumentado, em terra no mar, nos países vencedores; o direito dos povos à livre disposição de si mesmos traduz-se em conquistas e anexações forçadas; a Alemanha é despojada até dos meios de produzir e de reconstruir as regiões devastadas, e é assim lançada no desespero da ditadura militarista e do nacionalismo exacerbado ou nos braços da revolução extrema, que a Santa Aliança tratará de esmagar, como na Rússia e na Hungria.

Segundo Paulo Faure, no *Populaire de Paris*, a “opinão dos mortos”, dos dois milhões de mortos franceses da guerra, condenaria o tratado infame, se pudesse cumprir-se a célebre intimidação: *A pé, ó mortos!* Não foi para isto que os convidaram a morrer em defesa do Direito e da Liberdade. Razão tinham, pois, os que não aderiram à guerra, permanecendo fieis ao socialismo internacional. Quanto mais durava a guerra, mais vencidas iam ficando a Europa e a civilização: que o diga o estado moral e material da França.

No *Journal du Peuple*, o ex-radical Armando Charpentier, hoje socialista, revoltado ante a “paz de violência e de imperialismo”, vem fazer corajosamente o seu *men culpa*:

“Ereis vós, na verdade, ó socialistas minoritários de 1915, que tinheis razão quando, escapando à loucura nacionalista que intensificava os ódios, tivestes a previdente coragem de continuar sendo internacionalistas. Sim, quem tinha razão—ereis vós, ao querer reunir quanto antes a Internacional socialista, pois bem sentíeis que só ela poderia abreviar o flagelo e dar aos povos a verdadeira paz justa, a que não teria deixado atrás de si nem vencedor, nem vencido. Sim, quem tinha razão ereis vós, peregrinos de Zimmerwald e de Kienthal, e a minha pena toda, todo o meu remorso é não ter estado ao vosso lado.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos, as antigas dificuldades, as discórdias antigas. As circunstâncias que ocasionaram a velha guerra continuam de pé: elas prepararam outra nova.”

“As condições da paz afastam os problemas mais urgentes de hoje e de amanhã. Impõem condições à Alemanha exausta; não regulam, não tocam sequer na questão da nossa atitude para com a grande República socialista da Rússia, para com a Hungria, nas dissensões do sueste da Europa, no pedido de autonomia de milhões de homens na Ásia e na África. Por toda a parte subsistem os velhos perigos



